



A guarani amamenta o filho consciente de que restam poucos da sua raça na reserva

Os caingangues das reservas indígenas de Guarita e São João do Irapuá estão contando os dias. Dentro de uma semana, eles recebem uma ansiosa resposta: a Funai vai dizer se os ajudará na aquisição de implementos agrícolas, sementes e adubo para o plantio da próxima safra de feijão, milho e soja. O auxílio financeiro para a compra de equipamentos e insumos é condição exigida pela maioria dos índios para cumprir o acordo celebrado no ano passado, que prevê a retirada dos posseiros e o fim dos contratos de arrendamento até maio próximo. Pois, atualmente, o arrendamento de parte de suas terras é a única fonte de receita dos caingangues para comprar o que precisam para manter suas lavouras. Os caciques já estão divididos. Domingos Ribeiro, de Guarita, acolhendo a decisão da maioria, afirma que se a Funai não der o auxílio pedido, os contratos serão renovados por mais um ano. Já Ivo Ribeiro, de São João do Irapuá, prefere acatar a decisão da Funai, "que tutela nossa gente". É um clima tenso, que ameaça a paz hoje reinante na explosiva área indígena situada nos municípios de Miraguai e Tenente Portela. "Dois leão num capão só, não dá certo", lembra o calejado índio guarani Valdomiro da Silva. Há conflito à vista em Guarita e São João do Irapuá.

Se ajuda da Funai não chegar a paz termina

Por MAURO CÉSAR SILVEIRA
Editoria Local / ZH

A trégua pode ser mais fugaz do que se imagina. Depois que um grupo de caingangues prendeu o chefe do posto indígena de Guarita, Jerônimo Brás de Almeida, duas semanas atrás, obrigando-lhe a recusar a decisão de proibir o comércio entre os índios e brancos da região, esperava-se dias mais tranqüilos na conturbada área de 23.183 hectares que se estende entre os municípios de Miraguai e Tenente Portela. Mas a paz hoje reinante nas reservas de Guarita e São João do Irapuá parece ter seus dias contados: se a Fundação Nacional do Índio (Funai) não cumprir com suas promessas de auxílio aos índios plantadores, eles seguirão arrendando parte de suas terras aos brancos e não respeitarão o acordo celebrado no ano passado, prevendo que até maio de 1984 os agricultores abandonariam a área indígena.

"Já tenho o plano pronto, e se a Funai não resolver, eu tomo conta disto", anuncia o destemido Domingos Ribeiro, cacique de Guarita, dizendo que, se a ajuda do órgão do Governo não chegar, ele vai impor seu projeto para o aproveitamento agrícola da área. "Metade da terra o índio arrenda, metade planta", resume Domingos Ribeiro, considerando esta a única saída para os 1.373 caingangues de Guarita e os 1.580 de São

João do Irapuá continuarem plantando na área.

"O índio precisa de junta de boi, de arado e de adubo para fazer sua colheita, e só vai conseguir isto com o dinheiro do arrendamento", sustenta ele.

"Mordido por Cobra"

O auxílio da Funai vem sendo prometido há muito tempo. O ex-soldado da Brigada Militar Francisco Ribeiro, primo e braço-direito do cacique de Guarita, recorda-se que em 1974, quando esteve em Brasília integrando uma comissão de índios da reserva, os tratores e sementes que os caingangues esperavam já estavam a caminho. "Na Funai prometeram tudo e disseram que iam ganhar em seguida, mas, quem sabe, as encomendas pegaram outra rota", ironiza ele.

No ano passado, foi Domingos Ribeiro que esteve na Capital Federal. Depois de anunciar que pretendia terminar com os arrendamentos na reserva indígena, recebeu a promessa de que teria ajuda "em breve", com a doação de implementos agrícolas para todos os caingangues. "Mas até agora, nada", diz ele, desesperanoso de que o auxílio seja, afinal, concedido. "Como diz o ditado, cachorro mordido por cobra tem medo de língua", exemplifica, sorrindo, descrente que a resposta prometida pela Funai para a próxima semana seja positiva. "Eles disseram que iam ajudar e até levantamento de adubo foi anuncia-

do pelo rádio do posto, mas eu não tenho certeza de que isso seja feito", confessa.

Sem Assistência Médica

A descrença dos caingangues é compartilhada pelos 300 guaranis que ainda resistem na reserva de Guarita. "Tá uma confusão e eu não sei se vou deixar de arrendar", afirma Valdomiro da Silva, de 52 anos, que foi cacique dos guaranis durante 18 anos de sua vida. "Pra falar a verdade, a Funai não dá nada e não gosta de vê índio trabalhar", desabafa, convicto de que a ajuda prometida não vai chegar. "Se a Funai nunca me deu casa, não vai me dar a junta de boi e de cavalo que eu preciso na lavoura", deduz ele, apontando para a morada de troncos de árvores cobertos por finas taquaras que construiu para viver com a mulher e os sete filhos.

Suas dúvidas são justificadas. Afinal, até mesmo a assistência médica está ameaçada na reserva indígena. "O chefe quer cortar a assistência para que índio pague hospital", diz Valdomiro da Silva. Uma denúncia endossada pelo cacique Domingos Ribeiro, que afirma ter pago para que uma pequena índia fosse atendida no hospital de Tenente Portela, dias atrás. "Tive que cair com Cr\$ 10 mil em dinheiro para que a índiazinha fosse recebida pelo médico", relembra. E, por isso, o cacique de Guarita não descarta a possibilidade de que os arrendamentos continuem, pelo menos por mais um ano: "Estamos precisando de dinheiro e não podemos deixar o mato tomar conta da lavoura", justifica.

Ivo Ribeiro, o exterminador dos guaranis

Arrogante, ele costuma sair do posto da CRT em Miraguai, depois de seu telefonema diário para a delegacia regional da Funai em Porto Alegre, fazendo seu Passat amarelo cantar pneu. Instável, tolera a presença de jornalistas na área somente nas confraternizações que promove com os mais altos funcionários do órgão do Governo responsável pela administração das reservas indígenas do País. É o cacique Ivo Ribeiro, da reserva de São João do Irapuá, um homem detestado pelos caingangues de Guarita e abominado pelos poucos guaranis que ainda sobrevivem na região. "É puro ladrão", define o velho guarani Valdomiro da Silva, que o acusa de cometer as mais variadas irregularidades e de ser o responsável pelo extermínio de sua raça na região.

São muitas acusações. O cacique Ivo, segundo Valdomiro, fez e continua fazendo de tudo um pouco: comercializava a rica madeira da hoje reserva do Irapuá, quando era o único cacique, e dividia os lucros com o chefe do posto indígena; tomou a maior parte da terra dos guaranis, extinguiu seu toldo e expulsou da reserva tantos quantos pôde; prendeu todos aqueles que se rebelaram contra suas decisões, e, agora, que está impedido de cortar e vender as árvores que ficaram na área de seu rival Domingos Ribeiro, cobra Cr\$ 50 mil por contrato de arrendamento assinado em sua reserva.

Cadeia

"Fomos tocados pelo Ivo", conta Valdo-

miro, que perdeu a metade de sua terra, reduzida de 64 para 31 hectares. Ele ainda pode se considerar um privilegiado: conseguiu manter uma área que lhe permite o plantio e o arrendamento, respectivamente, de 15 a 16 hectares. Pior foi o que aconteceu com 20 famílias de guaranis que estão hoje acampadas na área do agricultor Nilson Kempf, cinco quilômetros adiante da Guarita. Expulsas da reserva, estão disputando biscoitos nas lavouras da região, há mais de um ano.

"Dá tristeza ver meu povo assim", diz o antigo líder dos guaranis, cacique por quase duas décadas.

Mas a resistência de Valdomiro não foi fácil. Custou, entre ameaças para sua nume-

Abandonados

A sorte de seus companheiros, contudo, lhe inquieta. Nas terras de Nilson Kempf, está, por exemplo, seu amigo Turibio Gomes, de 63 anos. "Sai de cabeça baixa, com todos os filhos que se criaram lá", recorda

Fotos Valdir Friolin/ZH



Valdomiro da Silva, 52 anos, foi cacique dos guaranis por 18 anos. Hoje, vive com a mulher e sete filhos em uma casa feita de troncos de árvores coberta por taquaras finas. Ele acusa o cacique Ivo Ribeiro de ser o responsável pelo extermínio dos guaranis na região

16R00689
ZERO HORA - 29/01/84

Índios querem ser ouvidos pelos chefes brancos

Os caingangues esperam que o novo chefe do posto da Funai na reserva indígena de Guarita tenha aprendido a lição. Menos de 48 horas depois que Jerônimo Brás de Almeida divulgou uma nota à imprensa de Tenente Portela, Miraguai e Três Passos, proibindo a comercialização entre índios e brancos, 15 caingangues resolveram lhe mostrar quem deve ditar as normas na área. O chefe do posto foi levado para sua sala a muque, como se orgulham os índios que participaram da operação, e obrigado a voltar atrás na medida anunciada pouco antes pelas emissoras de rádio da região. "Demos uma prensa para ele aprender a nos respei-

tar", conta o único guarani que se misturou aos caingangues, Valdomiro da Silva, recordando a prisão de Jerônimo de", relembra um revoltado caingano tarde de segunda-feira, dia 9 de janeiro passado. "Acertamos tudo, sem problemas", resume o cacique de Guarita, Domingos Ribeiro, dizendo que os chefes dos postos indígenas devem ouvir sempre os índios, antes de qualquer decisão que lhes digam respeito. "Eles passam enraivecidos, Jerônimo insistia em fazer valer sua decisão. "Não vou mudar aqui e não queremos ter problemas com a vizinhança, que se dá bem com a tentativa de impor sua autoridade na reserva", justifica a ação dos seus companheiros. "O chefe não queria que

nenhum entrasse aqui na reserva e nem que o índio saísse pra cidade", relembra um revoltado caingano tarde de segunda-feira, dia 9 de janeiro passado. "Acertamos tudo, sem problemas", resume o cacique de Guarita, Domingos Ribeiro, dizendo que os chefes dos postos indígenas devem ouvir sempre os índios, antes de qualquer decisão que lhes digam respeito. "Eles passam enraivecidos, Jerônimo insistia em fazer valer sua decisão. "Não vou mudar aqui e não queremos ter problemas com a vizinhança, que se dá bem com a tentativa de impor sua autoridade na reserva", justifica a ação dos seus companheiros. "O chefe não queria que

mente se "tudo não voltasse como antes". As 23 horas, o chefe do posto se rendia e ganhava a liberdade: depois de um telefonema para Porto Alegre, concordou em redigir uma nova nota, restabelecendo o comércio entre índios e brancos na região, com exceção de bebida alcoólica, que não pode ser vendida para os caingangues. "Não é cachaça o que queremos", observa um dos índios que ajudou a prender Jerônimo, afirmando que o único motivo da revolta dos caingangues foi a proibição da comercialização de seus produtos — feijão, milho e artesanato —, indispensável para a sobrevivência da tribo. E mesmo que a me-

dida fosse outra, atendendo a interesses dos índios, não deveria ser respeitada, segundo o mesmo caingano, argumentando que a temporária passagem dos chefes pelos postos da Funai os desautoriza. "Eles chegam aqui com apenas uma mala e saem com um caminhão cheio de coisas", diz o indígena Francisco Ribeiro. Desta vez, aliás, o novo chefe do posto fugiu à regra. "Ele é o diferente, o primeiro que trouxe a mudança. E, por isso, terá que arrumar outro caminho pra levar o que vai ganhar da gente. Mas, como os outros, não deve durar muito tempo. E vai sair com os bolsos cheios de dinheiro".

Dividida em duas, a reserva vive sob tensão

Até o ano passado, as reservas de Guarita e São João do Irapuá eram uma coisa só. A área de mais de 23 mil hectares espalhadas entre os municípios de Miraguai e Tenente Portela chamava-se simplesmente Guarita e tinha como cacique o caingano Ivo Ribeiro. Mas depois de um ano sangrento, em que o comércio ilegal de madeira e o arrendamento indiscriminado de terras férteis, ambos patrocinados pela Funai, acirraram os ânimos dos índios, a reserva foi transformada em duas: uma, a Guarita, chefiada pelo ex-braco direito de Ivo Ribeiro, Domingos Ribeiro, e outra, a São João do Irapuá, chefiada pelo até então único cacique da área. Foi o próprio Domingos Ribeiro, antes homem de confiança de Ivo Ribeiro, que liderou o movimento contra o cacique. Em janeiro de 1983, ele começou sua luta pelo comando da tri-

bo. Formou um grupo de oposição, mas não conseguiu nada além de um precário acordo promovido pelo procurador-geral da Funai, Afonso Moraes. Em maio, a investida foi violenta: o índio Eluir Jacinto, apoiado por Domingos Ribeiro e seus companheiros, tentou assassinar Ivo Ribeiro. A situação foi contornada pela ação da Polícia Federal e da Brigada Militar, que não conseguiram impedir, no entanto, os confrontos armados de junho, o mês mais difícil na reserva. Foi uma verdadeira guerra entre os dois grupos, com muitas vítimas: cinco mortos e dezenas de feridos. Tentativa de paz Depois, no final do ano, passaram os momentos mais delicados, a Funai tentou selar a paz entre os dois caciques. Além da consolidação

da divisão da área, foi celebrado um acordo para a retirada dos posseiros e arrendatários das duas novas reservas até o próximo mês de maio. Ivo Ribeiro e Domingos concordaram, mas a tensão permanece em Guarita e São João do Irapuá. Há divergências quanto a forma de pôr um fim aos arrendamentos. Há a presença de Lídio Della Betta, o chefe do posto de São João do Irapuá, conhecido por se envolver em roubo de madeira por todas as reservas que passou. Há também a figura indesejável do novo chefe do posto de Guarita, Jerônimo Brás de Almeida, que foi preso pelos caingangues. E sobra a revolta dos últimos guaranis, que pretendem resistir na área. Falta apenas o estopim para que mais um capítulo da história de Guarita seja escrita a sangue. E isto a Associação Nacional de Apoio ao Índio (Anai) vem advertindo desde o ano passado.